



Os Dois Lados da Muralha¹

Edson Raphael de JESUS²
Karla Monique Martiniano FIDELIS³
Patricia Ribeiro SERWY
Vanice ASSAZ⁴

Universidade Bandeirante de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O livro-reportagem intitulado *Os Dois Lados da Muralha* tem por objetivo externar o cotidiano de indivíduos marcados pela constante rotina de visitas a familiares encarcerados. Por meio de relatos, busca-se compreender os sentimentos e motivações que levam essas pessoas a transpor muros e portões na direção de parentes enclausurados, bem como as consequências que essa atitude gera em suas vidas. Mais do que histórias carregadas de dramaticidade ou, até mesmo, teor cômico, esse projeto se propõe a dar voz a um perfil de pessoas, muitas vezes, tão marginalizadas quanto aqueles a quem visitam.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; livro-reportagem; parente; presidiário; visita.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o Estado de São Paulo abriga 143 unidades prisionais distribuídas por toda sua extensão. Nas celas, pátios e corredores, 145.000 indivíduos aguardam julgamentos de processos e termos de penas. Semanalmente, lhes é concedido o direito de receber, num período de tempo estabelecido por cada unidade, amigos e familiares. Não há dados específicos sobre quem e quantos são esses indivíduos que transpõem muralhas e portões, mas sabe-se que 40% da população carcerária paulista recebe visitas entre uma e duas vezes ao mês.

Os Dois Lados da Muralha visa desmistificar o cotidiano das pessoas que têm a vida talhada por familiares encarcerados. Como é a rotina dos responsáveis por levar ao preso o sentimento de pertencer a uma família, a uma sociedade? O que os motiva a visitar seus entes queridos? Mais do que dados estatísticos, este trabalho de conclusão de curso visa dar cara a essas pessoas. Compiladas num livro-reportagem, cinco histórias são narradas com o objetivo de desvendar essa realidade pouco conhecida.

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade livro-reportagem.

² Aluno líder do grupo e graduado do Curso de Jornalismo da Uniban, email: falante@yahoo.com.br.

³ Alunas graduadas do Curso de Jornalismo da Uniban, email: moniquemartini@hotmail.com, patyserwy@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Uniban, email: vassaz@uol.com.br.



O interesse pelo tema surgiu às portas da Penitenciária Feminina da Capital, no bairro do Carandiru, São Paulo. Localizada numa avenida dominada por concessionárias de carros e coloridas lojas de móveis infantis, a unidade desperta a atenção dos transeuntes por seu extenso muro e tom monocromático. Aos finais de semana, mulheres, crianças, sacolas e caixas de isopor completam a paisagem. Atentos a esse cenário, os integrantes desse projeto encontraram nele a oportunidade para conhecer mais profundamente esse panorama.

2 OBJETIVO

De acordo com as referências consultadas e contatos preliminares com familiares de presos que fazem visitas com regularidade, constatou-se uma complexa relação de prazer e dor entre visitante e visitado. Por meio de depoimentos, *Os Dois Lados da Muralha* objetiva constatar se, para esses parentes, todo o custo, tempo dispensado em filas, revista íntima, entre outros fatores que circundam os curtos momentos de encontro são considerados penalizações ou etapas a cumprir, com a finalidade de desfrutar um prazer maior.

Dentre os perfis buscados para as entrevistas figuram mães, pais, filhos e cônjuges. Ao final desse processo, encontrou-se relatos de senhoras separadas de seus filhos, mulheres que encontram seus parceiros no interior das unidades, pessoas agredidas fisicamente em filas de visita, carcereiros (as) que visitam parentes presos.

Mais do que depoimentos carregados de dramaticidade, excentricidade ou, até mesmo, de teor cômico, as entrevistas realizadas para a construção do livro-reportagem *Os Dois Lados da Muralha* possuem a finalidade de externar os sentimentos que motivam pessoas a transpor muros e portões na direção de parentes enclausurados e como suas realidades mudam devido a essa forma de convívio.

A palavra amor, amplamente empregada para justificar a rotina de entradas e saídas de unidades prisionais, pode mascarar motivos, muitas vezes, ocultos dos próprios visitantes. Não raro, pais se culpam pelas atitudes errôneas que culminaram na prisão de seus filhos. O fascínio despertado pelo poder do crime é outra razão que influi, sobretudo em jovens, na criação e/ou manutenção de ligações próximas com companheiros e familiares.

Em contrapartida, objetiva-se retratar, também, como os parentes se relacionam com a carência afetiva, solidão e preconceito infligido por diferentes camadas da sociedade. Como é administrada a defasagem financeira promovida pelo encarceramento? É possível se habituar às invasivas revistas físicas?



3 JUSTIFICATIVA

Um universo composto por 145.000 indivíduos cujas trajetórias são marcadas por pobreza, baixa escolaridade e criminalidade invariavelmente suscita a atenção da sociedade. Com baixa regularidade, teses acadêmicas, matérias jornalísticas e estudos demográficos abordam o tema, tendo como objeto de estudo presos ou, em menor incidência, agentes penitenciários.

Dados sobre familiares, sobretudo os que promovem visitas regulares, são escassos. No ano de 2003, a Funap (Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel de Amparo ao Preso) desenvolveu, no Estado de São Paulo, o Censo Penitenciário que além, de traçar características quantitativas de presos apontava, informações relativas aos familiares dos encarcerados. No entanto, pouco revelou sobre hábitos, comportamentos e vivências.

A diminuta quantidade e qualidade de estudos acerca de parentes de presos resultam na deformação do conceito que a sociedade formula sobre essas pessoas. Entretanto, essa carência de informações contrasta com o crescente interesse público sobre problemas sociais, principalmente os que envolvem violência – como recentemente observado nas obras Estação Carandiru (Drauzio Varella), Carandiru (Hector Babenco), Tropa de Elite (José Padilha) e Vidas Opostas (telenovela exibida pela Rede Record de Televisão, em 2006)

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O desenvolvimento desse projeto está galgado em pesquisas qualitativas, mais especificamente, fontes documentais e entrevistas. Esse método de trabalho foi escolhido em virtude das distintas técnicas disponíveis para análise e interpretação da situação estudada. Segundo Antonio Joaquim Severino, em Metodologia do Trabalho Científico, esse tipo de pesquisa é caracterizada pela observância do ambiente natural como fonte de dados, o significado que os entrevistados conferem aos fatores relacionados ao assunto explanado, além do enfoque indutivo.

Ao empregar a técnica de metodologia qualitativa voltada para a pesquisa de campo, por meio de entrevistas pessoais, complementados por fontes documentais, como legislações, possibilitou-se maior condição de interpretação da situação problema a partir das respostas dos visitantes de parentes no cárcere. Para a realização desse projeto figuraram entrevistas de parentes de presos, estudiosos e profissionais especializados.



5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A opção por formatar o produto desse projeto em livro-reportagem deveu-se à maior extensão e poder de aprofundamento do tema estudado, em comparação ao espaço disponível para o desenvolvimento de reportagens e notícias em mídias de caráter distinto. A elevada gama de recursos literários e narrativos característicos ao gênero apresentou-se como elemento adicional disponível para aproximar o leitor do fato e das personagens retratadas.

O desenvolvimento desse projeto iniciou-se com minucioso estudo da evolução do sistema prisional brasileiro que culminou na vigente legislação com a finalidade de compreender as mudanças nas relações entre infrator e sociedade e como essa relação se estende aos parentes do indivíduo encarcerado. Para tanto, utilizou-se fontes documentais como legislações e códigos penais e entrevista com o advogado criminalista Hadan Palashi. Esse contato possibilitou maior compreensão dos atuais sistemas prisionais brasileiro e paulista, bem como as falhas que marcam a ressocialização e reintegração dos presos à sociedade.

Cientes das condições que envolvem as pessoas cerceadas de liberdade, a pesquisa voltou os olhos para seu principal foco – os parentes de presos. Contudo, os dados coletados nesse momento surgem sob a visão da sociedade. O contato com o sociólogo e criminalista Túlio Concrim revelou-se fundamental para esclarecer como atuam os elos entre presos, família e sociedade. Há dezoito anos atuando nas áreas de segurança pública e privada, além de projetos destinados a redução da criminalidade no país, Concrim disponibilizou dados estatísticos, informações e análises sobre a criminalidade no Brasil. Outro ponto abordado pelo sociólogo foi a parcela da sociedade responsável pela realidade excludente imposta a presos e seus familiares. A aproximação de parentes de presos e colhimento de suas experiências abarca a maior e mais significativa parte do trabalho. Essas entrevistas, no entanto, não desprezaram o caráter sistêmico. A fim de colher subsídios para validação e confrontos de experiências e opiniões, formulou-se uma relação base de perguntas. Entre elas figuraram questões acerca da relação entre os próprios visitantes, entre visitantes e agentes penitenciários, revistas físicas e regras de conduta. A repetição de perguntas em diferentes momentos do diálogo, bem como em distintos encontros possibilitou averiguar a presença de inconsistências ou alterações nos discursos apresentados.

A fim de relatar a mais vasta gama possível de experiências, buscou-se o contato com visitantes de unidades da capital e do interior, além de unidades segmentadas pelo sexo do



ente aprisionado. Na capital paulista as unidades escolhidas para abordagem de visitantes foram a Penitenciária Feminina da Capital, Centro de Detenção Provisória Chácara Belém I e Centro de Detenção Provisória de Pinheiros. Devido à dificuldade de deslocamento para cidades do interior que abrigam unidades prisionais, convencionou-se contatar visitantes na praça sem nome localizada ao final da Rua da Várzea, no bairro da Barra Funda – zona oeste paulistana. Todas as sextas-feiras e finais de semana, o local se transforma num improvisado terminal urbano de onde partem ônibus para unidades do interior de São Paulo. Dentre os depoimentos utilizados para compor o livro *Os Dois Lados da Muralha*, pode-se destacar os da personagem Dora (nome alterado a pedido da entrevistada). A mulher tem sua rotina duplamente marcada pelo universo carcerário. A primeira grande incursão ocorreu na ocasião da prisão de seu sobrinho. O segundo mergulho acontece poucos anos mais tarde quando se torna agente penitenciária da unidade feminina do Butantã, localizada na zona oeste paulistana. Duas diferentes visões do sistema prisional sob a ótica da mesma mulher acabam por trazer conseqüências em sua vida pessoal e resultam numa profissional com características diferentes das demais funcionárias.

O livro ainda aborda a história de uma mulher que encontra ex e atual marido convivendo em uma mesma cela, as revistas físicas, as etapas necessárias para a realização de visitas íntimas, as humilhações a que são submetidas por policiais, a hierarquia existente entre as próprias visitantes nas filas, além de outros pontos inerentes à realidade desse tipo de visitante.

6 CONSIDERAÇÕES

O real motivo que leva um indivíduo a transpor grades e muralhas para visitar parentes comumente oculta-se sob variadas máscaras. Quando inquiridos, considerável parte dos visitantes credita suas idas e vindas ao amor pelo encarcerado. O propósito de evitar diferentes interpretações desse sentimento, bem como a observação e interação mais próxima com os visitantes levaram os autores desse projeto a identificar outros fatores que motivam a manutenção do contato entre parentes, presos e libertos.

A série de entrevistas realizadas para produção do livro-reportagem *Os Dois Lados da Muralha*, possibilita fazer clara distinção entre a origem das atitudes de cônjuges e familiares consangüíneos. Pode-se, também, efetuar uma segunda segmentação de acordo com o período em que se estende a rotina de visitas – em curto, médio e longo prazos.



Designou-se curto prazo o período compreendido nos primeiros cinco anos de visitação. Nesse primeiro momento, iniciado após a prisão ou condenação do indivíduo, nota-se nas mães os sentimentos de culpa, obrigação e proteção. A mulher acredita ser responsável pela falta do filho e encontra nas visitas uma forma de se redimir, seja com ele, com ela própria e com a sociedade. A partir daí, surge a sensação de obrigatoriedade na provisão do infrator e na proteção contra possíveis atos de violência ou estreitamento de laços com criminosos. Entre cônjuges, nota-se a necessidade de compensar os ganhos materiais e emocionais promovidos pelo encarcerado. Sentimento que se extingue com o passar do tempo. Sobretudo entre as mulheres, percebe-se elevada carga de cumplicidade. Um fato que justifica a visitação sistemática por extensos períodos.

A partir do quinto ano de visitas recorrentes, tem início o período denominado médio prazo, que se estende até o décimo ano de visitação. Essa fase, a esperança na reabilitação do preso é o que move boa parte das mães. Essas mulheres, geralmente as únicas realizarem visitas, sentem-se como o último elo entre o universo criminal e a chance de uma reconstrução da vida social.

Em meio aos cônjuges – nesse momento, quase exclusivamente do sexo feminino –, nota-se na carência afetiva e diminuta auto-estima os motivos da visita. A constante visita ao preso resulta no afastamento de amigos e familiares. Sozinha, a mulher vê no marido uma forma de aplacar a lacuna afetiva. Nos casos acrescidos de diminuta auto-estima, as mulheres não acreditam ser merecedoras de carinho de qualquer pessoa que não seja o marido ou, se houver os filhos.

O décimo ano de visitação marca o começo de fase mais longa de manutenção das visitas. Neste período, observa-se uma convergência de sentimentos e razões entre parentes consangüíneos e cônjuges. Ambos os grupos são motivados pelo hábito e comodismo. Essas pessoas se acostumam com o tipo de contato com o familiar aprisionado. A esperança dá lugar à apatia, quando se trata do futuro do familiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA, F. B. de. Os grupos concretos: a família. In: _____. **Introdução à sociologia**. Rio de Janeiro: Agir, 1962. cap. 6, p. 169-188.



BARROS, João de. Dia de visita. **Caros Amigos**, São Paulo, dez. 2006. Disponível em: <http://carosamigos.terra.com.br/nova/ed127/vale_a_pena_ler_diadevisita.asp>. Acesso em: 20 mar. 2008.

BELLINI, N. **Problemas brasileiros**, São Paulo, jul./ago. 2003. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas_sesc/pb/artigo.cfm?Edicao_Id=160&breadcrumb=1&Artigo_ID=2321&IDCategoria=2372&reftype=1>. Acesso em: 20 mar. 2008.

BENTHAM, J. **O panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 580 p.

CHINOY, E. Família, parentesco e matrimônio. In: _____. **Sociedade: uma introdução à sociologia**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1975. cap. 7, p. 200-243.

COSTA, T. P. Meio ambiente familiar como essência no desenvolvimento do ser humano. In: _____. **Meio ambiente familiar: a solução para prevenir o crime**. São Paulo: Max Limonad, 2002. cap. 4, p. 47-54.

FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. 868 p.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 288 p.

LYRA FILHO, Roberto; CERNICCHIARO, Luiz Vicente. **Compêndio de direito penal**. São Paulo: José Bushatsky, 1973. 288 p.

MARCONI, M. de A.; PRESOTTO, Z. M. N. Família e sistemas de parentesco. In: _____. **Antropologia: uma introdução**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005. cap. 5, p. 92-118.

MIRABETE, Júlio Fabbrini. **Execução penal: Comentários á Lei nº 7210, de 11-07-84**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 874 p.

MORAES, Evaristo de. **Prisões e instituições penitenciárias no Brasil**. Rio de Janeiro: C.C.O, 1923. 101 p.



ORIENTAÇÕES, de novos membros da Pastoral Carcerária ou de amigos-visitantes, para visitas a unidade prisionais. **Pastoral Carcerária Nacional – CNBB**. Disponível em: <<http://www.carceraria.org.br/pub/publicacoes/27b7d07f53bf09918b1a9d014271d52e.pdf>> . Acesso em: 25 mar. 2008.

REVISTA DE INFORMAÇÃO LEGISLATIVA. Brasília: RT, Revista dos Tribunais, v. 35, n. 137, jan./mar. 1998. 201 p.

SANTOS, Andréa Marília Vieira. Pais encarcerados: filhos invisíveis. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 4, dez. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000400007&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 24 mar. 2008.

SECRETARIA de Administração Penitenciária – SAP. Disponível em: <<http://www.sap.sp.gov.br>>. Acesso em: 20 mar. 2008.

SEVERINO, A. J. **Metologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2003. 335 p.